



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 128
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
22 de Janeiro de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A nossa tipografia

Atrazado . . . 21.000\$00

E mais do Porto, d'aquela casa à beira do jardim, 620\$. É subscrição. É uma representação dum grupo de trabalhadores. Muito bem. Também eles vão na coluna.

E do Porto 400\$. E de Lisboa. E de Lisboa outra vez um que vale por cinco.

E esta carta:

Nem minha mulher nem eu temos fortuna pessoal; e não é fácil tarefa governar uma barca de onze pessoas com um ordenado insuficiente. Mas apesar de não termos depósitos em Bancos nem em Caixas económicas, sentimo-nos felizes, confiantes em que Deus continuará a ajudar-nos como até aqui.

Lamentamos, no entanto, não poder contribuir para essa grande obra social — que já tive o ensejo e o proveito de admirar de perto —, tão generosamente como o nosso coração nos pede. A tipografia, precisa, porém, de auxílio imediato, porque é dos mais importantes, sendo a mais importante, de todas as secções até agora criadas. Bastará notar que ela vai dar também possibilidade de trabalho a homens, uma parte dos quais se poderá manter na Casa do Galato até à velhice e «fazer escola», e a outra irá levar um fermento de Cristianismo a algumas tipografias portuguesas, tão necessitadas dele.

UM PEDIDO

Faço-o aqui, destacado de outro assunto do nosso «famoso», por ser um assunto muito importante do dito. Eu dou a palavra; melhor. Transcrevo as palavras do Avelino: Diga ós senhores que quando pagarem as assinaturas, dêem o nome tal qual vem na cinta ou antes, e isso é que seria fixe, o número. O número da assinatura. Eis aqui o que convém dizer do que ele me disse. Mas o rapaz disse muito mais. Ralhou. Pintou a macêca. Que perde tempo e paciência a procurar entre vinte mil um nome trocado ou alterado. Que as senhoras, dão um nome quando assinam e vêm pagar com outro. Que os senhores, põem as iniciais em vez do nome inteiro. Ora isto é muito pior do que as bicicletas de pau e os selos e o pião e as rixas e a tinta pelo chão e as pombas e os bonecos do «Papagaio» e tudo quanto enche os escritórios da redação mai-la vida dos redatores. Sim. É muito pior.

Portanto, senhores assinantes, agora sou eu que peço: atenção ó Avelino. Número em vez de nome, ou nome tal qual.

Lembrámo-nos então de uma modalidade, que talvez possa vir a ser seguida por outras pessoas: tirar uma libra de uma pequena caixa que minha mulher herdou e que desejávamos deixar de lembrança aos nossos filhos. Dentre os 20.000 leitores do «Galato» não haverá 1.000 pessoas que tenham numa gaveta uma libra em ouro ou uma moeda portuguesa do mesmo metal? Quando se tentou de adquirir o cálix para a capela «choveram» de tal modo as jóias, que foi preciso o Sr. P.e Américo dizer «basta!» E se agora surgiu uma «chuva» de libras? Dentro em pouco estava paga a tipografia.

Segue pelo correio uma libra de cavalinho, de 1875. E que Deus continue a abençoar essa Obra e os seus dirigentes.

Vai sem comentário. Quem poderia fazê-lo?! Quem se pode aproximar das alturas?! *Libra que minha mulher herdou e desejávamos deixar de lembrança aos nossos filhos!* E isto vem de uma família aonde o ordenado é insuficiente! As verdadeiras riquezas, não se encontram nos cofres ricos, mas sim no seio das famílias remediadas. Famílias cristãs, confiantes em que Deus as continuará a ajudar. E ajuda. E acrescenta. Quem o diz? Esta carta: *Nós sentimo-nos felizes.* Eis um espelho. Quem soubera mirar-se e reproduzir!

E do Porto 200\$. E de Coimbra. E do Porto vem um com 30\$, mas a pena de ser pouco faz que ele vá também na primeira. E de Louzada. E outra vez do Porto. E idem. E um de Lisboa com este repto: *Sempre estou para ver se não haverá, algures, outro cristão mais valente do que eu.* Com o repto, vem um cheque de cinco contos. Eu digo já que mais valente, não senhor; mas tão valente, sim. Aqui, no Porto, falou um no mesmo tom: cinco continhos em notas do Banco. Quem me dera que os senhores do Porto e de Lisboa se azedassem e fizessem a guerra civil; teríamos a tipografia paga em menos dum fósforo! Vamos a ver. Mais um de Alpedrinha com 50\$. É um sacerdote. Como é pobre, dá pouco e, por humilde, pede para ser da segunda linha. O assinante 4966 de Caxias, mete um requerimento com os dizeres do estilo, e pede deferimento. Deferido, pois. Lá vai ele nas primeiras filas. E de Aguiar da Beira 200\$. Mais de Algures 100\$ para um parafuso. Mais um de Lisboa com os 100\$ do contrato. *Eram nossos e com tanto gosto serão vossos.*

Uma de Ceira, para a nossa desejada tipografia. E alistou-se. Já vão muitas Mulheres. Se isto fôsse luta de sangue, teríamos para um corpo de enfermeiras! E de Lisboa. E de Macceira-Liz. São dois. São dois Padres! E também teríamos para um corpo de capelães. Veem lá atrás muitos sacerdotes. E de Coimbra. E do Marco de Canavezes. E de Oliveira do Hospital. E do Porto. E da Covilhã; é uma legionária. E de algures. Não diz nome nem terra. É um soldado desconhecido. Mais dois da cidade do Porto. São dois netinhos: *Os meus dois netinhos.* Com esta é que eu não contava — creanças nas fileiras! E aturá-las?!

Mais o Pessoal da Companhia de Seguros — *O Trabalho*: — 630\$. E esta? Não há estradas que comportem! E outra vez do Porto, Um a valer por dois. E de Lisboa. É um Professor de

um Liceu. E de Alcofra. É um velho — *mestre escola*. Oh coluna! Quem tivera olhos de chorar ao ver o teu desfile! Só é grande o que provoca lágrimas. A fala do coração, são as lágrimas. Vai-se tão longe ver Paradas e Desfiles, — vazias. Podes ver esta sem sair de tua casa, — cheia. Cheinha. O *mestre-escola*, chama-lhe, na sua carta, a *tipografia da Regeneração Social*. Mais um de Cantanhede. É um oficial do exército. Galões. Levamos galões. Mais um de Alcobaca com 150\$. Chama-lhe a *nossa tipografia*. Nossa. Quase todos os soldados dizem assim — *nossa*. Gosto da palavra. Todos por um; por uma causa: — A Regeneração Social por meio do trabalho. Eis. Os Empregados da Elma Limitada, também dizem que sim. Compraram um bilhete por 102\$ e pedem entrada. Pois que venham. Nunca se viu tal! Nem pólticas, nem credos, nem cores. Uma só alma na Bicha!

E também de Anadia. E também de Vila Moreira. E de Lisboa 200\$; é uma Mulher. Mulher d'armas. E de Gaia. *Quero entrar na bicha*. E de Cogula. Mais no Banco Espírito Santo de Lisboa. Em lugar de nome, vem no talão *um dos cinco mil*. E outra vez da Capital. E da Abrunheira; é *Uma*. E *meia razão* de algures. E do C. T. T. dos Restauradores. E do C. T. T. de Coimbra. Grandes ideias vão

CONTINUA NA 2.ª PÁGINA

Visitantes ilustres

As Fundadoras das Creditas dos Pobres. As Mestras com letra grande estiveram na aldeia. Oriundas de famílias ilustres, deixaram um dia a barca e as redes e seguiram Jesus. Tomaram de renda uma casa pobre, num bairro pobre, e começaram a servir o Pobre com o nome de Creditas. Fugiram do seu meio, das suas relações; até os laços de sangue cortaram! Hoje são duas dúzias d'Elas em Coimbra, em Aveiro, em Oliveira do Hospital.

Chegaram naquele dia à hora de jantar e sentaram-se para comer. Comer à nossa mesa, da nossa comida, no meio dos nossos rapazes. O Norberto, foi-lhes designar aposentos, serviu-lhes uma chícara de leite por merenda e à ceia, tornou a servi-las, no mesmo sítio do jantar.

Elas viram. Elas ouviram. Elas tomaram conta de tudo com olhos e inteligência. Não houve nota; não houve parcela; — *nada* de que as duas Creditas se não tivessem inteirado. Foi uma sindicância amorosa... Pois muito bem. A franca apreciação das duas Mestras, é o selo branco do saber. Elas sabem. Elas falaram. Estou contente. A Obra da Rua, está canonizada.

Do que nós necessitamos

ALGUÉM teve a curiosidade de contar os carros que nos vieram visitar em o dia 26 de Dezembro. Sabem quantos, das 3 às 4 da tarde? Não sabem? Pois vou dizer: *quarenta e nove!* Sem falar nos que já tinham entrado, e que entraram depois. Pois bem. Um dos visitantes escreve, a dizer que tinha estado na capela; que a viu incompleta por falta de australianos e que lhe mandasse eu dizer quanto precisava. E eu assim fiz. Oh dádiva! É de uma Estancia do Porto. Sempre o Porto! Mais um senhor que nos trouxe cabedal para 30 pares de sapatos. Mais uma nota de 50\$ e uma de 20\$ achadas e anunciadas e que vieram cá ter, por ser o dono desconhecido. Mais 50\$ com esta marca XX. Mais 50\$ do Porto. Mais 100\$ idem. Mais os empregados da Sociedade Metalurgica de Leixões, retiraram 40\$ da consoada que os Patrões lhes deram. Assim vem a dizer, e eu quero que o Mundo o saiba. E do Depósito! E retirado do Depósito!! Pacotes, e pacotes e pacotes! Cartas e cartas e cartas! É a avalanche!!

Também de outras terras, chegam encomendas dos mais variados artigos, todos a dizerem que sim e que sim e que sim. Do Alentejo, fumeiro de fazer pecar a gente. De *Uma Alentejana*, dinheiro do Banco de Portugal. Eu tenho dado a minha ripadita nos alentejanos; tenho sim senhor. Mas nem todos a merecem. Mais 100\$ do Porto. Mais uma peça de fazenda idem. Eu acho simplesmente grande, a resolução de muitos que, estando ausentes nas igrejas aonde eu peço, mandam, por carta, as suas cotas! Tem sido assim. É a mística do dar! Mais Pneus. E mais um Pneu. Mais uma caixa de vinho do Porto. Mais 100\$ de Tomar. Mais 50\$ do Porto. Mais cabedal para a nossa oficina. Mais 20\$ de Vila Nova de Ourém. Mais cinco mil escudos de Espinho. Mais de Lisboa uma bola. Oh surpresa! Mais roupinhas da Figueira da Foz. Mais do Porto, ditas para o *Príncipe*, de *Uma Mãe*. Tantas mães querem ser a mãe do Príncipe, só porque a dele o deixou, — tantas! Mais 100\$ do Porto. Mais mil de Castelo Branco. Mais 350\$ dos Funcionários da Caixa Geral dos Depósitos do Porto. Isto é que se chama dar, sem desprimor para outros que dão. Funcionários! Tirar à bôca!

Ora queiram escutar como falam outros funcionários: *É com máguia que não podemos mandar a importância para a tipografia, pois somos modestos funcionários, com encargos de família, nada nos sobrando no fim de cada mês.* Dão do que teem: *a máguia.* Isto é dar.

São modestos, mas resolvidos, próquê, veja-se: *Pedimos desculpa de ter utilizado um só envelope, mas v. bem sabe que temos de combater os C. T. T...* Combater, sim senhor. Para grandes inimigos querem-se grandes soldados. Eu cá faço na mesma. Ainda há dias mandei por um portador uma encomenda que deveria ser postal. Ficou por metade do preço!

Mais mil no Espírito Santo, do Porto; anónimo. Gosto de quem assim se esconde! Mais 200\$ de Gaia. Gaia anda a ver se atravessa o rio...! Mais 3 bolas pequeninas, com rótulo. Não pode ser. Todos os nomeados trabalham na Casa-Mãe... E os vidros?! Mais de Ourém uma pancadaria de malhas. Mais 50\$ de algures. Mais 100\$ da Capital. E mais idem idem. E mais 30\$ de Pinhel. E mais 20\$ do Caramulo. E mais 330 do Orfeão do Porto. Mais uma pancada de camisas novas de Castelo Branco.

Mais de Agueda 500\$. Mais 20\$ de Fiais da Beira; terras distantes e pouco faladas, aonde se fala português. Mais 30 metros de pano crú. Sim senhor. Estes já entraram na nossa rouparia. E outros que andam lá por fora?! Os outros metros de pano crú? Tantas camas a prover, — tantos rapazes a cobrir, — tanto que fazer, — e tu que fazes?! Mais de Braga 500\$ *por alma de alguém.* Mais 220\$. Mais 15 metros de flanela dos *Antónios do Norte.* Mais 180\$ de uma promessa. Mais 80\$ da Rua D. João IV. Mais do Porto uma duzia de guardanapos para os *Batatas.* Mais 400\$ da Rainha do Tejo. Mais 100\$ do Porto. Mais 500\$ idem. Mais 100\$ idem. Mais 100\$ da Capital.

Mais de um Instituto Religioso de Ensino, um cartão de boas-festas com grandes elogios à Obra da Rua. Muito bem. Nós aceitamos tudo. Só tenho pena que os Institutos Religiosos de Ensino se contentem com estes elogios: (*compreensão e simpatia que há muito sentimos pela Casa do Gaiato*). Tenho pena, digo. Ter simpatia por nós, é pouco. Compreender-nos, é alguma coisa. Fazer igual, é tudo. Tanto mais que se trata de

Religiosas. São elas as indicadas para o *Lixo* do seu sexo. Quem como elas? Eu quizera que as Congregações Religiosas compreendessem a hora e o perigo... Um Arcebispo na Jugoslávia! Um Cardeal na Hungria! Aqui no altar da nossa capela, apenas a Imprensa toca a rebate, eu celebro a festa dos Mártires. E rezo. E medito. E quizera conhecê-los pessoalmente. Ser subdit; ter sido ordenado presbítero por um Mártir da Igreja! Quantos sacerdotes Jugoslavos não sentiram já e quantos húngaros não estão agora sentindo êsse santo e imenso regosijo — quantos! Sim, quizera.

Um nadinha menos zêlo pelo ensino das chamadas elites e mais devoção pela sorte das maiorias: Os Pobres! Padre Adriano sabe agora mais de Lisboa do que eu, e ensina-me....

Vê acolá? É um colégio. Um colégio de meninas.

Vê ali em cima? Andam a fazer um colégio para meninas.

Olhe aquela quinta lá ao fundo; é para um colégio de meninos.

Aqui no Porto, sei eu mais do que êle e faço de cicerone. *Vês acolá? São obras. É um talhão inteiro, para um colégio de meninas.* Lá e cá os panoramas são iguais. É o delírio do ensino. A protecção aos amparados. Dá pena!

Ora eu gostaria de ver tudo isto, sim, — e também alguma coisa pelos filhos dos que nos insultam, para que mais tarde nos amem. Tirante as Creaditas dos Pobres de Coimbra, eu nunca topei uma Irmã da Caridade nas ruas pobres e sujas a cuidar de flores perdidas, *nunca!* E mais nada.

VIAGENS

Uma delas, foi às Caldas. A's Caldas da Rainha. Era o *Morris*, era o documentário da aldeia e era eu. A casa encheu-se duas vezes; uma às 9 e outra às dez da noite: Quatro contos menos quê. Teem vindo alguns assinantes. Trouxe um abandonado; o *Emídio da Carrasqueira*. Muito se agradece a quem deu todas as passadas, sem as quais ali não teríamos ido. Passadas e jantar, porque o Senhor que trabalhou, também nos deu de jantar.

Depois das Caldas, vem a Figueira. A Figueira da Foz. Uma e outra, são cidades. De novo eu mais o *Morris*, mais o documentário. Aqui foi mais completo; houve um número de variedades, executado pelos rapazes de Miranda, que dali se deslocaram com êsse fim. Três. Piano, castanhetas e canções. O *Ernesto*, fez a apresentação e anunciava os números. Soberbol Também contou à illustre assembleia, algumas passagens da sua vida. Aqui vai uma que lhe ouvi e não conhecia e mais ele é meu há um rôr d'anos. Fala o *Ernesto*: Um polícia botou-me a luva e levou-me engavetado. Ia agarrado pelo casaco e eu comecei a encolher os braços e a deixar ir e quando tal puxei e o polícia ficou com o casaco na mão e eu desatei a fugir!

Eles é que falam. Eles é que fazem os discursos e entreteem os ouvintes. Como eles, ninguém.

Lá estavam as bandejinhas à saída: — Cinco contos menos uns tostões. Outra vez muito grato a todos quantos deram passadas e trabalharam para nós irmos ao palco.

Porque é que os outros Senhores de outras cidades me não chamam? É tão fácil! Uma palavrinha para aqui e a gente lá aparece: *Morris*, documentário, eu.

Visado pela Comissão de Censura

PREVENÇÃO

Falo aos vindoiros. Aviso; previno os vindoiros: se alguém se propuzer erguer uma obra social no seu País, que o faça com recta intenção, senão, desanima e deixa cair tudo. Digo no País, porquanto é justamente das organizações oficiais que, por bem, nos chegam os males. Ele cartas, ele avisos, ele intimações, ele ameaças com decretos e códigos. O que a gente aqui não recebe na roda do ano!

Ultimamente, tem sido o ataque da Caixa de Previdencia dos Funcionários da Assistencia. Ataque por cartas. Já são trez d'elas.

Querem em todo o modo saber qual o numero e categoria dos funcionários da Obra. A ultima, parece um ultimatum, de brava!

Ora aqui tudo trabalha; não há funcionários.

A nossa tipografia

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

neste exército! *Este Soldado* diz: *Nossa tipografia. Nós tomamos a peito como sendo nossas, todas as iniciativas, todos os trabalhos, todos os acontecimentos da Obra.*

Quem pudera, se não fôra assim?! Eu sinto que assim é, porém, não me canso de pedir aos nossos leitores que se cheguem mais para junto de mim. E de Vila Nova de Gaia. E da Rainha do Tejo. E de Chão-de-Couce. E outra vez da Rainha, com as maiores felicidades para a nossa tipografia. Como num instante se fez coisa de todos, a tipografia da Casa do Gaiato?! *Nossa. Nossa. Nossa.* Ainda ninguém disse aí vai para a sua tipografia, — *nem um!* A mais bela garantia da officina e seus trabalhos, está justamente no falar do povo: *Nossa!*

E também de Gramaços. Gramaços, é ao pé de Oliveira do Hospital. E um de Santarém como palavras de ouro: *É a tremor de alegria que me inscrevo.* E um de Lisboa, a dobrar. E um de Peniche a triplicar. E uma de Coimbra; irão tantos como tantas? No fim se verá. E um de Lisboa. E também do Porto com metade. E outra vez da Rainha do Tejo. *E uma mãe de 14 filhos!* É verdade! Que heroísmos não vão na coluna! E todos poderiam e *deveriam* marchar assim. Mas ele há outras colunas com outras marchas... E outra vez da capital do Norte. E idem. E idem. E um de Riba Tua. E uma de Coimbra. E do Marco. E de Albergaria-a-Velha. E da rainha do Sado. E de Chaves; é um Sacerdote. Vamos muito bem acompanhados. E uma de Lisboa. E uma da Pesqueira; espera-se que Elas não ultrapassem Eles. E na Marinha Grande enfileiraram dois. E de Cascais. E de Serpa; é outro Sacerdote. Coluna ou procissão?! E também de Braga. E também de Serpins — um Sacerdote. E agora?! Esta é que é de primeira ordem! É a Câmara. A Câmara Municipal da Vila Real: — Mil escudos. Isto é que há-de ser uma fileira! E fileira de Transmontanos! E mais de Coimbra 150\$00. E também de Torres Novas. E do Porto. E da Capital. E outra vez da Capital.

Ora vamos agora à tradução. Traduzir em algarismos as palavras que aqui se dizem:

Atrazado	21.000\$00
Hoje	21.030\$00
Soma	42.030\$00

Faltam portanto quatro centos e cinquenta e oito contos.

Não haja pressas nem aflições. Lá chegaremos. O Senhor Rodrigues bem sabe que tem o dinheirinho certo. O que importa é que êste cortejo leve tempo a passar. Muito tempo a passar. Que o mundo ame. Que o mundo acredite. Que o mundo espere. E que chore. Que chore lágrimas iguais às de Jesus!

AQUI, LISBOA! Cantinho dos Rapazes

(Continuado)

Já lá vão dois números de *O Gaiato* sem a notícia dos donativos recebidos. Torna-se já difícil enumerá-los todos, sobretudo nesta quadra do ano em que o Menino Jesus costuma visitar os pobres e os pequeninos.

Começemos pelo Montepio. Os embrulhos de roupas novas e usadas tiveram de vir por três vezes, nos carros dos directores da Casa. Desde o Gerente e secretários ao último do pessoal menor, todos se interessam pelo progresso da Obra. Eles pedem, eles arquivam, eles vêm trazer. Até as portas do Montepio falam da Casa do Gaiato. Quem passa pela rua, olha, entra, deixa e segue contente e aliviado por ter cumprido uma obrigação.

Há donativos comoventes: é uma dúzia de colheres para os batatas, que duas criadas de servir oferecem comovidas com a doutrina de «O Gaiato» que a menina lhes lê; é roupa modesta dum rapazinho que a oferece «aos seus irmãozinhos»; são mais roupas «de um pecador» que quer que se reze por ele, etc., etc.

Além das roupas vem vindo a flanela preciosa. Não chegamos aos mil metros, mas já passamos dos cem. Quanto a doces é um nunca mais acabar: perto de 2.000 broas do Natal! Vinho fino, bolo-rei, figos passados, mel e mais lambarices. O Zé Maria, ia dizendo: «até que enfim que tive um Natal!»

Muitos envelopes chegaram também aqui e ao Montepio com mensagens de Natal. Há um *duma menina Paulista* com 500\$; muitos com 100\$ «para a Nossa Tipografia»; 200\$ *de uma Mãe Portuguesa*, e outro de outra Mãe em acção de graças pela saúde da filhinha. Vieram visitantes com notas para as assinaturas e o que embaraça é alguns deixarem para isso notas de mil e declararem que desejam continuar no *cemitério dos caloteiros*.

O Colégio Académico enviou um delegação de muitas alunas com dezenas de embrulhos de roupa, mercadoria e dinheiro. Entre elas estabeleceu-se um concurso original: havia o dia da batata, o dia do arroz, da roupa usada; cada qual juntava o que podia e assim carregaram uma camioneta que cá veio trazer tudo.

Produtos Lácteos dobraram a cota; Vacuum manteve-se à altura; Grémios têm mantido silêncio menos o do bacalhau e café. Os nossos vendedores voltam também carregados de coisas. O Pedro anda de rua em rua, a onde o chamam por donativos.

Um dos rapazes foi levar a bateria para reparar: — Quanto custa?

— 700\$.

— E uma nova?

— 900\$.

— A casa não pode com essa despesa.

— Mas que casa é essa?

— É a casa do Gaiato.

— Explica lá o que é isso.

O rapaz puxou da sua eloquência e falou:

— Bem: não digas mais; leva lá a bateria! Mais um calix de prata; um presépio e toalhas de pessoas apaixonadas.

Mais um altar de pedra e várias cantarias e 300\$ para a nossa igreja, de alguém de sangue azul. Uma família de visitantes trouxe entre outras coisas, uma dúzia de belos pares de botas. *Nós também lá temos uma casa de gaiatos*. Assim chama à numerosa comitiva dos filhos. É o que é interessante, é o método que se segue naquela família cristã. «Nós seguimos o método da Casa do Gaiato; cada filho tem a sua obrigação!»

O correio continua a trazer vales de 100\$, 200\$ e 131\$50, cartas de 20\$, 100\$ e mais cem umas poucas de vezes.

A quem fez a pergunta, aqui se responde: a estação da C. P. mais acessível é a Póvoa de S.ta Iria. Tudo quanto lá for parar será amavelmente posto aqui, pelos transportes da Fábrica da Abelheira. Melhor do que isso, só uma camionete que nos dessem.

Mais camisolas e calçado usado; mil nas Novidades; e centenas de escudos do Congo Belga.

Dois sacos de trigo da *Senhora dos Bois* e um saquinho dele das Caldas e promessa de mais de Portalegre.

Finalmente um presentezinho do Menino Jesus também para mim. Já não sou menino, mas sou filho de Deus: um *fato macaco!* Quem tal diria! Pelos geitos Ele não leva a mal (como fizeram as beatas) que eu use no serviço dos nossos fregueses, um fato idêntico ao que ele

VOU fazer o *Cantinho* de hoje com a carta preciosa de um dos nossos rapazes do Lar de Coimbra; Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios. Preciosa, digo bem, porque torna este Rapaz feliz. Tudo quanto nos dá a verdadeira felicidade, é precioso. Aqui vai ela:

Não queria de maneira alguma deixar de gravar todo o meu reconhecimento para com a Obra, que me salvou e guiou nesta vida cheia de precalços e ilusões.

Saindo eu de um Reformatório aos 18 anos, para casa de minha mãe, viúva, com 4 filhos pequeninos, e vim eu acrescentar as dificuldades à sua vida, pois vinha sem emprego, e com poucos conhecimentos de merceneiro.

Andei durante 22 dias pela cidade pedindo emprego, em vão, pois a resposta era sempre a mesma, vá aparecendo porque por agora não precisamos.

Até que apareceu a Obra salvadora. Levou-me para o seu Lar, onde encontrei a mesa posta e farta e a cama limpinha.

Arranjou-me uma colocação na Auto-Industrial, L.da, para onde aos 18 anos ia aprender um ofício que desconhecia. 6 anos de boa vontade passaram, chorei, sofri... mas venci.

Resolvi sair, onde comecei a trabalhar por conta própria, e a boa estrela me guiava pois criei muitas simpatias, e o tempo foi passando e a Auto-Industrial ficou privada do chefe da Secção de Estofador, chamaram-me se queria tomar a posse dessas funções, aceitei, não porque não houvesse pessoas com mais competência profissional do que eu, mas sim porque me acharam qualidades. O que seria eu, se a Obra salvadora me não tivesse arrancado à rua, e me levasse para o seu Lar?

Sou este seu filho do Lar que se assina, José César Pinto Rosendo.

Podemos dizer que é a história de uma alma, por isso mesmo, esta carta há-de necessariamente fazer bem às almas. A' vossa quizera eu que ela fizesse! Uma alma que *chorou, sofreu e venceu*. Não tendes outro caminho, meus filhos. Mas Rosendo vai mais longe. Ele aceita o convite da Auto-Industrial, declarando que *há pessoas com mais competência do que ele*; e esta é a sua grande e sublime competência. Por isso o chamaram. Chamaram-no pela sua humildade. Mas há mais: o Rosendo agradece. Se agradece, é porque compreende. Compreender, é ser feliz.

Rosendo; peço-te aqui perdão, se alguma vez não fui para ti o que tu esperavas e merecias. Dá recados meus ao Senhor Scipião da Auto-Industrial.

VISITANTES

Por muito pouco, e poderíamos dizer hoje que os Visitantes vieram cá entregar cem contos durante o ano que findou. Por bem pouco: *Noventa e oito mil setecentos e dezoito escudos e cinquenta centavos*. Quem diz para aí que a gente não faz contas, — quem?! Tudo assente. Nós assentamos tudo.

Além daquela soma de dinheiro também deixaram coisas; tantas e tais, que seria necessário um número especial do *famoso* para os inumerar.

E também deixaram lágrimas! Vi muitos visitantes a chorar, enquanto os nossos rapazes comiam no refeitório, com Eles ao pé. Sim. Vi lágrimas. E é precisamente por amor destas lágrimas que tudo cá vem ter — *tudo*.

Obras há, aonde os visitantes escrevem o seu nome em um livro de ouro. Aqui não. Aqui choram! Com os olhos humedecidos é que se vêm as coisas, — porque humedecidos!

Com olhos assim, não se pode escrever, nem se pode falar. Eles vão-se embora silenciosos e voltam, e voltarão e tornam a voltar.

Esta é a quarta vez que cá venho!

Oh visitas deliciosas! São as almas. Amamos o que não compreendemos!

usava, na construção civil, por conta dos seus fregueses de Nazaré... Também lhe agradeço uma capa quentinha, mas esqueceu a batina. Pode ser que alguém de Coimbra ou Covilhã lhe lembre esta necessidade.

PADRE ADRIANO.

O NOSSO JORNAL

Os senhores mai-las senhoras querem saber uma coisa? Querem? Pois vou dizer: Ontem, recebemos uma carta de Lourenço Marques, da qual se retirou uma lista de nomes de 64 assinantes, chequezinhos à frente: quatro contos menos quê! Sim senhor. Quantidade não, mas qualidade, alto lá com Lourenço Marques! Todos na ponta da unha. Dinheirinho!

Estes 64, lendo, passam palavra a outros e outros a outros, de maneira que passará a ser agitado, o que até agora era tranquilo. É o Gaiato. É a leitura do *famoso* que agita as almas. A propaganda, foi feita por um locutor do Rádio Club de Moçambique. Tal e tanta, por aonde quer que ele aparecesse, logo apregoavam o Gaiato. *Olha o Gaiato!* Amorosos cumprimentos. Por amor à causa do Gaiato, ama-se em Lourenço Marques a Pessoa que o divulga: *olha o Gaiato*.

A carta que trazia as listas, é simplesmente maravilhosa. É uma leitura espiritual.

Não sei dizer-lhe quanto a obra me tem enchido o pensamento; quanto me regosijo pelos donativos que lhe dão.

Isto basta, para encher igualmente o pensamento dos leitores d'Aquem: o regozijo das ofertas. Milhas e milhas de água salgada, não alteram as coisas santas. Lá como cá, regozijam-se as almas quando o Bem é bem feito. A carta prossegue. São cinco laudas. Depois de uma palavrinha ao jornal *que se não lê de olhos enxutos*, vem esta afirmação atrevida; tão atrevida, sim, que eu, por medo, digo-a aqui mas não o faço a mais ninguém. Escutem: *Há mais verdade numa só coluna do Gaiato que em todas as parangonas de todos os jornais juntos.*

Imprensa ao serviço da indústria. A Indústria transforma a matéria; é a sua missão. E também é capaz de deformar o espírito. E' o que ela faz, quando se mete no jornalismo. Deturpa, derranca as ideias. O gerente de uma fábrica de sedas, pode ser o director de um grande Diário! Dirigir um jornal. Estar à frente. Controlar o espiritual. Meter a luz debaixo do alqueire, êle, homem de fábricas! Sedas e letras. Oh, desgraça! Por isso mesmo não é raro ouvir-se:

—Leste os jornais d'hoje?

—Li sim.

—Que dizem eles?

—Nada!

Ora se as coisas terrenas andassem afinadas, a Imprensa devia ser uma força orientadora ao serviço da Verdade, para que todos pudessem dizer dela o que diz de *O Gaiato* esta carta: *Que luz e que beleza tem a verdade, que até aqueles a quem Deus ainda não iluminou, se sentem atraídos por Ela!* Sabem de onde é esta carta? Da cidade da Beira, a segunda de Moçambique. Hoje falam as colónias. *Não há número nenhum*, continua a carta, *que o meu marido não leia de ponta a ponta. Ele, o descrente!*

Torno a dizer; milhas e milhas de distância, não alteram o amor à Verdade. Lá como cá, por Ela, pela Verdade, os descrentes começam a duvidar!...

Mas quê;—os Diários; todos os jornais juntos com parangonas e tudo, são prisioneiros! Prisioneiros em suas próprias casas, com todo o conforto e mimo.

O Gaiato não. O Gaiato tem a liberdade dos filhos de Deus. Também *por isso mesmo* está sozinho. *Sózinho*. Há um congresso da Imprensa? Há um convite colectivo à Imprensa para uma função? Há uma representação da Imprensa? Há? Vão todos. Vão todos juntos. O Gaiato nunca foi chamado! E é pena! Os jornalistas. Os escritores. O banquete. Os brindes. A reportagem. Eu não! Oh dor! Mas vamos ao que importa.

A venda aumenta. A tiragem aumenta. Os esquecidos diminuem. Alguns pagam em géneros: figos, castanhas, roupas. Os da redacção querem saber se põem figos no livro ou se quê!

E' quase um triunfo. Digo quase por causa de notícias que às vezes recebemos. *Agora tenho a dizer que não quero mais o jornal pois não tenho tempo para o ler*. Se não fôra isto, era o triunfo total!

Os rapazes despacharam 2939 deles, na última venda. Entregaram 1.438\$40 de acréscimo. Um sem número de assinantes, confiaram-lhes o dinheiro de assinaturas. Trouxeram ao todo cinco contos menos quê. Sendo as despesas do Lar à volta de dez contos mensais, eles podem comer o seu pão sem vergonha. São colaboradores.

Uma notícia triste; o Abel está em riscos de perder a camisola amarela! E' o *Presidente*. O *Presidente* foi vender e logo às primeiras, despachou 300 exemplares! O Abel anda apavorado, sobretudo desde a ameaça surda do rival; fala-se baixinho na aldeia, que o *Presidente* quer roubar os Correios ó Abel!!

Isto é a Casa do Gaiato

GRANDE consternação tem reinado na aldeia. Foi o Nero. Os dois cães, Nero e Marão, saíram naquela manhã e acompanharam até o comboio, dois dos nossos rapazes que embarcavam. De regresso a casa, o Nero foi atropelado. Mal chega a notícia, sai imediatamente o enfermeiro a puxar o carro de mão, mais o Rio Tinto. Tudo ficou na expectativa. Olhava-se para a porta da avenida. Como viria o ferido? Corriam as mais sinistras versões! Chegou. Não mexia o rabo. Tocado, gemia. O enfermeiro, liga as pernas; deita-o num feixe de palha, põe-lhe um prato de leite. O cão melhorou. Espera-se que não torne a sair.

ESTA agora é mais séria. O Zé Eduardo. Zé Eduardo em férias. Zé Eduardo e a bicicleta, e uma corrida avenida abaixo e uma grande pancada na porta e veículo num cangalho e ele na ambulância dos bombeiros para o hospital!

Eu chegava no Morris. A entrada, encontro alguns homens a discutir. Tinha sido testemunhas de vista. Narraram. Já não entrei. Desandei para o hospital. Que viagem! Não foi tão grave como se supunha. Zé Eduardo, veio comigo. Às vezes dá-me vontade de fugir, — mas para onde?! Só a morte. Só a morte me há-de libertar!

O NORBERTO rachou a cabeça ó Botas. Foi com uma pedra. Veio a perguntas. O uso da pedrada é absolutamente proibido e severamente

punido. Eles sabem-no. Todos sabem deste rigôr, mas acontece que, no mais aceso das discussões, há-de aparecer ali uma pedrinha mesmo à mão de semear!... Começa a palavra, acende-se a discussão, — pedra. Uma pedrada. Isto há-de ser assim enquanto o mundo for mundo.

HOJE é dia de Reis. Missa com cálice de ouro, alfaias ricas. É a Epifania do Senhor. É a Revelação de Cristo a gregos e a troianos. Quer dizer que havendo agora, como sempre houve, servos e senhores, ricos e pobres, brancos e pretos, somos todos irmãos! Iguais por natureza. Paz na Desigualdade. Paz de Cristo, já se vê. Não é a paz da O. N. U. Pois muito bem. Houve festa. Tamanca, que tendo eu ido fazer a barba à loja do Moreira (o Periquito antigo) ele, no fim, enxofra-me a cara: *Ande; hoje é dia de Reis.* E eu fiquei com a cara enxofrada.

Mas nem tudo são rosas. Houve uma coisa muito desagradável na sacristia. O Faísca mai-lo Abel pegaram-se. Eles são os ajudantes da missa e em dias de festa, põem umas capas especiais. Capas muito lindas. Ora o Faísca, queria para si a que o Abel já tinha sobre os ombros e este não lhe queria dar. Quando eu chego, estava a questão a ferver. Houvesse ali pedras e o resto já se sabe!... Foi então que eu deitei água. Ralhei: A hora. O lugar. A matéria da disputa. Os disputantes escutam. Trocam-se olhares ameaçadores.

— Mas aquela é minha. É a minha capa.

— Mas não; é mas é minha. Houvesse ali pedras!...

O CETE. O menino Cete. Estando no Lar do Porto a preparar a expedição do último jornal, não sei como é que ele teve ali conhecimento da ameaça que eu daqui lhe fizera. em público e na sua ausência: — rapá-lo. Mandá-lo rapar pelo Moreira. Moreira estava, ouviu e ficou todo contente: *Logo que ele chegue do Porto, rapá-se.*

Não sei como foi. O que eu sei é que no dia seguinte, fui chamado ao telefone. Era um senhor do Porto que se dizia um grande amigo da Obra e em particular do Cete. Que este estava ali naquele momento, debulhado e choroso, a prometer que nunca mais. Pedia para não ser rapado e ele, o amigo da Obra, fazia suas as palavras do Cete. Só lhe faltavam as lágrimas, mas a voz era cheinha de comoção: *Não rape o Cete por esta vez. Cunhas. A deliciosa cunha.* O Cete, já sabe das cunhas e cedo começa a fazer uso delas. Por esta vez passou, mas eu cuido que os lindos caracóis do Cete estão para um grande desgosto...

ESTAVA o dia a cair, quando aparece aqui no meu lugar de trabalho e de trabalhos um rapaz da rua, que o Moléstia vem gostosamente apresentar. Eles trazem sempre um ar de riso, quando sobem aonde eu estou com um perdido pela mão. O rapaz metia medo! Eu gemi falta de leitões, falta de organização, e as mesas do refeitório também já não chegam. Mas sim. Podia ficar aquela noite, nem ele eram horas de retomar caminho. Disse ao Moléstia que o vestissem de lavado e lhe servissem o caldo na cozinha do forno.

Tocou o sino para o terço na capela da aldeia. A saída, estava um grupo dos mais crescidos à minha espera e no meio deles, o recém-chegado, ainda com os andrajos. Tinham feito uma descoberta. Ele era companheiro lá fora de um que é hoje nosso. Apartaram-se há uns 4 anos, que tantos são os que tem de vida na aldeia o que dantes andava por lá; apartaram-se, sim, e hoje veio aqui dar com ele. Ora este era o caso. O Moléstia, tinha comunicado a todos a minha resolução e agora, vem um grupo, em nome de todos, pedir-me que o deixe ficar.

Não era uma imposição, já se vê. Os nossos rapazes são ordeiros. O homem do leme sou eu. Mas tomaram um tal calor e puxaram tanto pelo coração, que

eu fiz silêncio e do silêncio tiraram eles o meu consentimento.

MAL refeito do estremecimento de ontem, eis que vejo avenida acima, manhã seguinte, os farrapos de um pequeno viandante. A avenida é extensa. A criança sobe, hesitante, e enquanto assim faz, vai sendo enxergada e abeirada. São os das obrigações de ali perto. Deixam o que estão a fazer e lá vão espontaneamente, livremente, amorosamente. Eles são irmãos.

Eu vejo da sacada. A Casa-Mãe domina, no alto. Desço e vou ao encontro do que era já uma chusma. No meio, o andrajoso. O primeiro lugar! O Barros, que vinha com ele do fundo da avenida, antes que eu fôsse a perguntas, chama ele a minha atenção para o corpiço do rapaz e diz, por sua conta: *E' preciso lavá-lo já!...*

Ele também assim era! Ele também assim foi!

Eu afastei um bocadinho os do grupo até me chegar mais para o pé. Mais juntinho. Quizera que o bafo da nossa aldeia aquecesse todos estes *condenados!* Fiz perguntas. O rapaz pôe os olhos no chão, triste, desconfiado. Só uma coisa apurei. Chama-se Manuel. Foi ele que o disse, ao perguntar-lhe quem era: *Não sei quem sou. Chamam-me Manel.* E é tudo; Manel!

Duas desgraças, senhores leitores e senhoras leitoras. Duas grandes desgraças. A primeira, é haver no meio dos homens, crianças assim perdidas: *Chamam-me Manel.*

A segunda, é esta é maior, é ser eu obrigado a pedir a esses mesmos homens os meios suficientes de as alimentar. Desgraça deles, homens, já se sabe; que minha, não.

O NORBERTO não tem cinto nem argola de chaves; e tem medo dos bolsos das calças. Mas ele tem a sua conta as gavetas dos armários do grande refeitório. É uma grande responsabilidade e ele sabe que é.

Que faz então o Norberto, para defender as coisas que guarda dentro dos armários? Que faz ele? Muito simples. Traz as chaves ao pescôço, suspensas dum baraço.

Remédios caseiros, para males caseiros.

Crónica da Nossa Aldeia

1 Chegou-nos aqui há dias um pequeno ainda mais pequenito do que o «Príncipe». Já não é o Príncipe o mais pequeno da Aldeia, agora é o Infante, como lhe chamam. É muito vivo e esperto. O Príncipe é tão esperto como ele. Ao princípio o Príncipe queria bater-lhe mas agora já são amigos. O Príncipe é mais bonito do que o outro.

2 Agora já não é Periquito. É Moreira. Andamos a ver se não lhe chamamos Periquito e é muito difícil agora chamar-lhe Moreira. Foi no tribunal da nossa Aldeia que veio o decreto para não lhe chamarmos Periquito. Ele tem dezoito anos e parecia mal chamar-lhe Periquito. Ele também está a comer à meza dos senhores por ir para a cama por doente e velo de lá um pouco magro e agora, é para ver se engorda e o prazo é durante um mês.

3 Andavam na brincadeira o Norberto e o Bótas mas às tantas o caso virou-se e o caso deu para andar ao murro. O Norberto como mais pequeno não sabia como defender-se e atirou-lhe com uma pedra, e a pedra foi-lhe ter à cabeça e rachou-lha, e foi para o Hospital da nossa Casa, não julgou que é para o outro Hospital. O Bótas é muito infeliz na parte de cima porque já não é a primeira vez nem

segunda que anda com a cabeça empanada.

4 O nosso Ano Novo correu muito bem graças a Deus. A noite comemos farrapo velho como lhe chamam. Depois fomos ver cinema, etc., etc. No outro dia tivemos boroiñas muito boas e tudo mais.

5 Agora é o Instituto Americano que também nos fornece fitas para nós vermos na nossa Aldeia. Já nos mandaram umas poucas mas vão algumas ao contrário e o Sr. do Instituto já disse que não nos mandava mais se nós não pusesse-mos a fita direita. Nós como só tinhamos uma bobine não podíamos pô-la direita mas agora já se comprou uma, e agora nós com duas é que a podemos pôr direita.

6 Já fizeram a instalação para a oficina de tear. Agora só falta o motor e pôr lá o tear. E como o Sr. que nos deu a máquina disse que nos mandava um técnico aguardamos que se faça a instalação depressa para nós vermos máquina de tear a fazer tecidos.

7 Temos muito a agradecer aos nossos assinantes que nos têm mandado selos mas se nos quiserem mandar mais nós aceitamos.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por PEDRO JOÃO

1 Em todas as casas do Gaiato, à noite faz-se um pequeno tribunal. Não com juizes nem advogados, nem tão pouco testemunhas. A testemunha é a consciência de cada um.

O tribunal é feito no refeitório, indo os culpados para o meio. A maior parte das vezes são eles que se lá apresentam, depois dizem as suas culpas e às vezes o Madeira aplica umas colheradas, a que a malta chama «sarapismos». Isto vem a propósito dum que se fez aqui há dias, entre o «careca» e o «caxetão», o primeiro com 8 anos e o outro com 6.

Desapareceu um metro a um pedreiro. Quem foi, quem seria? — Ninguém o sabia. Veiu-se a saber mais tarde que tinha sido o «careca» que o levava mais o «caxetão» para brincarem.

A noite lá estavam eles no meio! O juiz começou a interrogá-los: — diga lá o senhor «caxetão» como foi isso? — foi o «careca» diz o «caxetão» que o levava debaixo do braço e deixou o cair. Diga lá agora senhor «careca»? — Eu ia com ele debaixo do braço e deixei-o cair! — Então porque não o apanhaste? Andamos todo o dia a procurá-lo, mas não o vimos mais. — A sentença é esta: não comer

nem dormir, na vossa cama enquanto o metro não aparecer. O «careca» até já está só com metade do cabelo com tanto pensar! — e tu «caxetão» com a neve da noite vais ficar com os cabelos brancos.

Agora digam lá aonde é que vão dormir e aonde vão comer? — diz muito depressa o «caxetão»: o «careca» disse que iam dormir na capoeira das galinhas — não respondeu o «careca»: eu não disse nada! ele é que disse que iam lá dormir e que matávamos uma galinha e comiamos-a toda.

2 O Manteigas andava todo contente com uma ovelha que lhe tinham dado. Já tinha os calculos feitos — deixava-a crescer, depois vendia a ovelha e a criação e com o dinheiro comprava um relógio. Mas os calculos saíram-lhe errados.

Na noite do Natal, alguém foi roubá-la ao curral para fazer a sua festinha.

Já sabemos quem foi.

O Manteigas queria dar parte à guarda para pôr o homem na cadeia, mas como ele é muito pobre e tem filhos o senhor Padre Adriano não deixou.